

O rei, o inquisidor e o herege

Sebastião Lima Rego

Os numerosos dignitários aguardavam, em pé e descobertos, silenciosamente, que o rei chegasse, honrando com a sua augusta presença o ágape tão minuciosamente preparado. Juncando a enorme mesa, viam-se apetitosas e excelssas virtualhas, providas tanto das longínquas Índias como da brumosa Europa.

Ele eram javalis das rudes Astúrias, ele eram vinhos capitosos da doce França, ele eram frutas exóticas do Setentrão barbaresco, ele eram peixes requintados da remota Taprobana, ele eram o mel e as especiarias da Arábia Feliz... Os pratos e as ânforas de ouro forte, cravejados de pedraria da Pérsia e de coral do Mar Vermelho, davam ao ambiente um tom único de luminosidade.

Todo o esplendor da corte do grande rei, do soberano de Portugal, dos Algarves de aquém e de além mar, da Etiópia, Índias, Qatai e Cipango, Guiné, Congo e Vera Cruz, das terras conhecidas e por conhecer, toda a magnificência inigualada daquele Império conquistado pela espada e mantido pela graça privilegiada da Fé, todo esse esplendor refulgente estava ali contido naquele luxo imponente de iguarias raras e de riquezas preciosíssimas.

D. Duarte enfim entrou na sala, dispensando paternalmente a mão a beijar aos seus súbditos pressurosos, que faziam escudiva fila para manifestar a sujeição áulica devida ao poderoso monarca. Os chefes das principais casas do reino estavam presentes, assim como os detentores dos mais proeminentes cargos da Corte e da Igreja, o que presumia que o festim, marcado pelo próprio chanceler

com o beneplácito real, iria conferenciar sobre profundíssimas matérias.

Após breve palestração de circunstância, em que a dissertação versou com ligeireza temas de alcova caros aos fidalgos mais jovens, aos quais D. Duarte permitia (com constrangimento notório do Arcebispo Primaz, D. Paio) a irreverência irrecusável a heróis da cruzada contra a moirama, o Inquisidor-Mor D. Lara, pondo de lado o osso de faisão da Provença que metodicamente trancara e lambuzara até lhe fazer brilhar o tutano, arrotou com estrondo, como que para mostrar que as questões sérias iam agora enfim ser debatidas, voltou-se respeitosamente para D. Duarte e arengou:

"Meu amo, decerto sabeis que foram por aí publicados, não sei com licença de que tola autoridade, uns escritos sediciosos, infernais, umas perfídias vis sobre a vida de Jesus Cristo Nosso Senhor, de que dizem ser autor um herege chamado Saramago. Até tremo ao falar deste crime nefando, Senhor! O céu seja testemunha de que preferiria mil vezes passar o resto dos meus dias nas masmorras infectas de Argel a ter tido que, por penoso dever de encargo, correr os meus olhos horrorizados por tão malditas páginas..."

E calou-se, com as mãos ao alto, hirto, branco, solene. Depois de um curto silêncio, dir-se-ia que de terror, alguns presentes ou-

Um arrepio de estupor fulminou a cena, como se o raio de Jeová tivesse petrificado os homens que se davam conta de tamanho horror: D. Duarte, o ungido de Deus, o sucessor de Afonso Henriques, vira com os seus próprios olhos as palavras malfadadas do anti-Cristo!

saram enfim perorar, ouvindo-se então exclamações indignadas um pouco por todo o redor da mesa:

"Ah, Satanás levanta de novo os cornos aleivosos, é dar-lhe, é dar-lhe já sem mercê!"

"Só pode ser um judeu, um israelita imundo, esse Saratogo ou Saravago, ou lá o que é o filho dos Demónios! Fogo nele, braseira com o bicho!"

"É o que dá a benevolência culpada destes tempos de perdição, de relaxamento dos costumes, de aviltamento da religião dos nossos avós! Deixam entrar no Reino os livros infames dos Luteros, dos Erasmos, dos Calvinos, e depois espantam-se que o Porco-Sujo penetre neste nosso Portugal..."

D. Lara, o Inquisidor, de tudo dava atenção sem entretimentos mover um só nervo do rosto alvaco. Calado, formidável de aspecto, com uma medonha cicatriz enviesando-lhe a face de lés a lés, o terrível homem ruminava a custo o ódio que lhe revolvía as santas entranhas. Por fim, regougou cavamente, martelando os sons que libertava da boca crispada:

"O perro há-de estorricar no caldeirão de Belzebu, ou lá se há-de! Majestade — e curvou a cerviz untuosa em direcção ao rei —, ainda não ouvimos a voz sapiente do nosso príncipe sobre este sacrilégio hediondo..."

D. Duarte endireitou a frente, cofiou les-

tamente o bigode e, com a sua voz potente, autoritária, falou:

"Eu formei já um juízo seguro sobre o escrito desse negregado incréu..."

Um arrepio de estupor fulminou a cena, como se o raio de Jeová tivesse petrificado os homens que se davam conta de tamanho horror: D. Duarte, o ungido de Deus, o sucessor de Afonso Henriques, a cabeça de um dos maiores impérios da Terra, vira acaso com os seus próprios olhos as palavras malfadadas do anti-Cristo?! De susto, de atrapalhão, o condestável D. Mafaldo deixou cair desajeitadamente a adaga sobre a perna gosa do feitor da Casa da Guiné, que urrou lamentavelmente de dor. O Arcebispo D. Paio, de olhos pavidamente arregalados, fixava o monarca, alucinado, tal se este houvesse assegurado ali mesmo que não acreditava nas Santas Escrituras... D. Fuas, o comandante das armas de Além Tejo e Odiana, totalmente desorientado, tombou de um gesto brusco o jarro de vinho da Borgonha que um escudeiro vinha de trazer, espalhando um odor acre e inebriante no ambiente já pesado. Com um gesto firme, D. Duarte atalhou o tumulto, sentenciando:

"Filhos meus, descansai, não li, não li com efeito os propósitos do herege, mas aqui vos digo, sob palavra de rei, que são uma grande merda!"

Um indescritível alívio caiu subitamente sobre o banquete, como se o bálsamo de uma reliquia santa houvesse por milagre invadido corpos e espíritos. Sua Majestade reputava as sandices do judeu uma merda — o Reino estava pois salvo, a Religião resplandecia triunfante, Portugal continuava a ser um paraíso de amor e de concórdia! ■



Garantimos negócios de Qualidade.

Aproveitando a experiência de mais de 7 milhões de veículos já produzidos, a Volkswagen Transporter apresenta agora uma nova gama de versões de superior qualidade. O seu coeficiente de penetração CX=0.36 é o melhor

entre todas as congéneres, o que lhe confere uma elevada velocidade de ponta e os mais reduzidos consumos, de tal modo que as versões equipadas com motor 1.9 l podem percorrer 1012 Km com um único depósito de combustível. Das viaturas de cabine semi-avancada, é a que tem a melhor relação entre superfície útil e superfície total da viatura. Outro aspecto importante, é a suspensão traseira independente bem como a tracção dianteira,

que juntas conferem à Transporter características únicas: uma altura mínima do vão de carga ao solo que permite uma optimização da distribuição da carga. Por todas as razões, a Transporter representa a síntese perfeita da robustez de uma viatura utilitária com o conforto de uma auto-

móvel. É uma viatura com dupla função, quer o objectivo seja transportar carga ou passageiros. Mais ainda, a Transporter está apta a conjugar as duas funções simultaneamente nas suas versões mistas. A habitabilidade é francamente generosa proporcionando confort-

to e comodidade tanto ao condutor como aos passageiros. Todas as versões de carga e mistas de passageiros e carga apresentam-se em duas motorizações: o 1.900 cm³ de 4 cilindros, que faz da Transporter o veículo mais económico da sua classe, e o 2.400 cm³, o único motor de 5 cilindros diesel disponível no mercado nacional. Seja qual for a versão da sua preferência, a Volkswagen Transporter é um veículo extrema-

mente fácil de conduzir que lhe proporciona o mesmo prazer de condução que encontra num automóvel.

Não é por acaso que a Volkswagen Transporter foi galardoada com o importante prémio internacional:

"Comercial do Ano 1992".

 **Transporter**
O Valor da Qualidade

1º CONSTRUTOR EUROPEU

